



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

DOCÊNCIAS, VIOLÊNCIAS E CONFLITOS: mulheres e o professorar universitário em contextos pandêmicos

PROFESSORSHIP, VIOLENCE, AND CONFLICTS: women and academic work in university settings during pandemic contexts.

Área: Educação Superior

Eixo: Saúde na Educação Superior

Joelma Silva Andrade^I
 Douglas Tomácio^{II}
 Emily Thayenne Cirilo da Silva^{III}
 Pamela Cristina da Cruz Reis^{IV}
 Larissa Thami Ramos Araujo^V

RESUMO

Neste trabalho, em voga está a discussão acerca da docência no ensino superior, a partir de um debate de gênero e de sua localização contextual antes e durante a pandemia da COVID-19. Trata-se de investida que, entrelaçando os campos da saúde e da educação, discute o sofrimento mental de mulheres docentes a partir de uma perspectiva antropológica médica; a qual se fez sob abordagem qualitativa, caráter descritivo e tendo no campo sua base de sustentação. No campo inseridos, identificamos um contexto de trabalho professoral de mulheres em diálogo com a sobrecarga das tarefas docentes (no âmbito da gestão, ensino, pesquisa e extensão) que somado era às relações de conflito na tríade casa, trabalho e pandemia; à precarização, intensificação e extensificação do trabalho, e, ainda, às desiguais relações de gênero, atravessadas pelo desafio da intersecção entre maternidade, o papel de mulher no lar e a docência; apontando para um dos tantos sentidos de professora ser na realidade universitária brasileira.

Palavras-chave: docência universitária; relações de gênero, sofrimento mental.

ABSTRACT

This paper focuses on the discussion of academic work in higher education, based on a gender debate and its contextual location before and during the COVID-19 pandemic. This approach, intertwining the fields of health and education, discusses the mental suffering of female

^I Psicóloga, psicopedagoga e neurocientista, é mestra no Programa de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *E-mail:* joelmapsic@yahoo.com.br

^{II} Professor/Pesquisador associado à Universidad de Sevilla (US), é doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP)/CAPES. *E-mail:* dtlmeduc@gmail.com

^{III} Graduanda em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). *E-mail:* emilly.1398037@discente.uemg.br

^{IV} Graduanda em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). *E-mail:* pamel.1398336@discente.uemg.br

^V Graduanda em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). *E-mail:* larissa.1398093@discente.uemg.br



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

academics from a medical anthropological perspective; it was carried out using a qualitative approach, descriptive character and having as its basis the field. In the field, we identified a context of women's academic work in dialogue with the overload of academic tasks (in the scope of management, teaching, research and extension) which was added to the conflicting relationships in the triad of home, work and pandemic; to the precariousness, intensification and extensification of work, and, also, to the unequal gender relations, crossed by the challenge of the intersection between motherhood, the role of women in the home and academic responsibilities; pointing to one of the many meanings of being a professor in the Brazilian university reality.

Keywords: gender relations; mental suffering; university teaching.

Data de submissão do artigo: 13/09/2024.

Data de aprovação do artigo: 05/10/2024.

1 INTRODUÇÃO

Em fins de 2019, o mundo foi surpreendido com a covid-19. Nesse cenário, nas variadas comunidades acadêmicas, surgem pesquisas que contemplam os possíveis desfechos desse fenômeno no território da saúde mental e do trabalho. Esse fenômeno, entendido a partir de suas tantas configurações e refletindo a imbricada relação entre os contextos micro e macroestruturais, conforme Yasui, Luzio e Amarante (2018), aponta para relações sociais que destacam as vivências dos sujeitos trabalhadores de seu tempo.

Sob tal concretude pandêmica, estiveram as docentes. Angustiadadas (os) e mentalmente adoecidas (os) (Tostes *et al.*, 2018; Fuller *et al.*, 2020), sofreram as vicissitudes de um trabalho para o qual não se sentiam mais aptos; requerendo muitas reconfigurações. Tal processo, contudo, sabidamente não se dá descolado das demais esferas do viver que, tecidas sob as conjunções sócio-históricas, impactaram de distintos modos as (os) docentes trabalhadoras.

Esse contexto, subvencionado por uma realidade historicamente patriarcal e sexista, espalha-se na vivência de mulheres professoras universitárias; que, sob machismo estrutural, têm de compor suas docências, ao passo que respondem pelas imposições de gênero que, reduzindo-as, as acometem e intensificam o sofrimento mental pelo qual passam essas professoras.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

2 PROFESSORAR NO ENSINO SUPERIOR

Sob crescente debate ao redor do mundo, as reflexões acerca do trabalho docente no âmbito universitário têm-nos ofertado significativo arcabouço analítico acerca das condições a que estão submetidas o professor universitário. Por vezes, apressadamente contemplado apenas a partir da esfera do *status* e do reconhecimento social que esta figura tem em relação a docentes de segmentos outros, somos impelidos a obliteradamente compreendê-la; esvaziando um debate necessário acerca dessa figura e do sofrimento mental que a tem acometido.

Não são poucas as razões para tal, conforme Silva (2020). Também professor universitário, este autor aponta que o trabalho docente do ensino universitário pode ser



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

descrito, entre outras coisas, pela tríade: intensificação, extensificação e precarização. Na conjuntura pandêmica, o isolamento social e o trabalho *home office* intensificaram a flexibilização da jornada de trabalho, que, imputada à docente, torna-se dupla – quiçá tripla, quádrupla, quádrupla – jornada de trabalho. Além disso, durante a implementação do ensino remoto, contudo, algumas adaptações foram impostas à semelhança da rotina presencial: reuniões pedagógicas e administrativas presenciais passaram a ser online, diários de classe adotaram modelos virtuais, “avaliações” foram feitas “a distância”, alguns registraram atividades pedagógicas em “diários de bordo” virtuais etc. Esse processo não se deu sem a uberização de sua função, ao se verem forçados a utilizar seus próprios meios de trabalho (sua casa, seu dispositivo de acesso à internet, sua rede de dados, entre outros) (Affonso *et al.*, 2021, p. 124)

Na instabilidade da saúde sanitária, das condições de trabalho e do poder público, a categoria docente se viu forçada a buscar improvisações e adequações do ensino presencial para o ensino remoto. “Em outras palavras, docentes desenvolvem atividades como um corpo se movimentando no escuro, tendo que sozinhos encontrar a luz num cenário que repentinamente perdeu claridade” (Affonso *et al.*, 2021, p. 137). Segundo Silva (2020), nessas condições, o trabalho do docente universitário se configura sob a égide da degradação, desgaste e da falta de sentido; conduzindo-o a contextos que desencadeiam a condição de sofrimento e/ou adoecimento do professorado; muitas vezes advinda de forma insidiosa e sorrateira.

Sanches e Gama (2016) indicam que o mal-estar se coloca enquanto traço da profissão docente na contemporaneidade. Traço este que acomete os docentes dos mais variados âmbitos e espaços, entre os quais aqueles voltados ao espaço universitário.

Tal aspecto, de modo algum, quer dizer de um cenário com o qual não se pode obter prazer e/ou sentido do magistério. Na verdade, instaura-se nele uma miríade de possibilidades que com a esfera do prazer-sofrer dialogam; naquilo que Silva e Ruza (2018), denominaram “unidade contraditória do prazer-sofrimento”.

O trabalho docente universitário pode, pois, ser fonte de sofrimento psíquico, à proporção que, no campo do trabalho, o sofrimento é intrínseco e, ao mesmo tempo, dialoga com o prazer, como afirmam Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994, p. 106). Para eles, “Prazer e sofrimento podem resultar de lógicas *relativamente* independentes”.

Fato é que, a despeito disso, “O sofrimento prevalece e as estratégias defensivas são frágeis, ainda que possam impedir acometimentos de adoecimento propriamente ditos. Mas o ser social professor fica sempre sob a espreita de um universo laboral que mais o impede do que o liberta.” (Silva; Ruza, 2018, p. 15). Ademais, o trabalho docente vai além das aulas ministradas, inclui-se: preparação das aulas; envolver-se em orientações de trabalhos de pesquisas; leituras; atualizações em congressos e seminários; participação em projetos de extensão; produções científicas e atividades administrativas.

Berenchtein Netto (2015), em mesmo sentido, aponta-nos o contexto de precarização, intensificação e defesa inequívoca do produtivismo, com o qual se identifica a docência do ensino universitário. Para ele, estamos diante de um horizonte em que o trabalho se efetiva, ao passo em que ocorre a desefetivação do próprio trabalhador.

Acometido em sua saúde e perdendo o sentido de seu fazer, “[...] a natureza particular do trabalho docente verte-se em gelatina de trabalho humano abstrato, trabalho simples, despojado de todas as suas propriedades particulares [...]” (Berenchtein Netto, 2015, p. 75).

Também educadora no âmbito da universidade, está Paschoalino (2007). É por meio dela que somos levados a refletir sobre um fazer profissional que, para além das habituais



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

coações do mundo do trabalho em nosso contexto social, diz de um trabalhador sob a pressão das implicações de si na formação do outro.

Tal especificidade corrobora com um nocivo ciclo de estrondoso impacto na saúde do professorado. Isso porque, conforme postula essa autora, as incertezas quanto à aprendizagem discente funcionariam como entrelaçar de culpa, cobrança e, em função destas, da manutenção do estar doente no trabalho. Fenômeno a refletir profissionais que “[...] em suas condutas colocam o trabalho em primeiro lugar, esquecendo-se, inclusive, de sua saúde” (Paschoalino, 2007, p. 83).

Essa compreensão ratifica Monteiro e Souza (2020), quando inferem que a classe de docentes, no Brasil em particular, desenvolve de maneira volumosa sinais e sintomas de sofrimento e/ou adoecimento mental em consequência de uma exaustão emocional. Entre os sinais e sintomas podem ser citados: insônia, tristeza, falta de ar, dores de cabeça, palpitações, estresse, pânico, depressão e ansiedade.

Nesse sentido, estamos diante de um fazer profissional imerso em complexas relações que, dialogando com o seu tempo, de modo direto impactam na saúde do profissional professor. Este, como mostram os autores, mais impedido que livre, desefetivado e acostumado ao fazer mesmo quando doente, experiencia o sofrimento mental, fragiliza-se, adocece, educa.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Caracterizada como observacional de corte retrospectiva e com perspectiva etnográfica, a pesquisa pretendeu investigar as implicações da pandemia por COVID-19 na saúde mental de docentes universitárias. Para tanto, além de apoiar-se em bibliografia especializada, a partir de uma abordagem qualitativa, deteve-se ao campo, como procedimento técnico; por meio do qual adotou a entrevista semiestruturada como forma de coleta de dados, entrevistando professoras de universidades públicas mineiras (Severino, 2012; Minayo, 2015).

3.1 Um pouco mais sobre as passadas metodológicas

Localizando, então, as docentes e suas docências acometidas pela pandemia covid-19, e entendendo-as sob os conflitos inerentes à *práxis* desta trabalhadora professora que no contexto atuava na academia, construímos este estudo, resultado do intento de analisar as implicações do contexto da pandemia da covid-19 na saúde mental das docentes universitárias.

Perante o contexto da pandemia de Covid-19 e dos impactos que causou de maneira global na saúde, estabelecemos um debate a partir de produções realizadas por pares/pesquisas que contemplem a saúde mental da docente universitária no contexto pandêmico. Selecionamos 20 artigos, entre os anos de 2015 e 2021, nos *sites Scientific Electronic Library Online (SCIELO)* e *Google Acadêmico*, utilizando como descritores: Sofrimento mental; Docente universitário; Mulher; Pandemia da Covid-19. Além disso, como arcabouço teórico, utilizamos autores da área da saúde coletiva, saúde mental e trabalho.

Soma-se a isso o delineamento observacional de coorte retrospectiva e transversal; o qual foi também suportado pela coleta de dados advinda dos projetos anteriores, previamente aprovados no Comitê de Ética e que tiveram como base de dados o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor/SIASS para obtenção de informações sobre licenças médicas.



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

Além disso, realizamos entrevistas informantes-chave com seis docentes universitárias de instituições públicas em Minas Gerais, estas detentoras de conhecimento, experiência e envolvimento na comunidade acadêmica (inclusive em suas facetas como chefias e coordenação), a respeito da opinião sobre o tema saúde mental, trabalho e gênero.

Foram passadas que, circunscritas à pesquisa no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* da faculdade de medicina, ganharam corpo ao somarem-se às investidas e colaborações de programas outros, como da educação e da ciência. Tudo, ao fim, no intuito de coletar dados que contribuam nas possíveis correlações com sofrimento mental, trabalho docente e gênero, sob uma perspectiva antropológica médica.

Empreendemos, pois, uma discussão que, ao analisar as condições de trabalho que abrangem o ser docente, o faz chamando atenção para dois elementos específicos: o fato de atuarem no âmbito universitário (nas esferas pública de ensino) e de serem mulheres. Tal aposta é, assim, um exercício a assinalar as tantas faces do fazer docente e do ser mulher no cenário brasileiro e, em particular, em Minas Gerais, de calamidade na saúde pública; relação a partir da qual se põem em vista a saúde mental dessas trabalhadoras.

Nesta investigação, apontamos para um quadro de sofrimento mental crescente da docente universitária, consoante às bibliografias consultadas e às tantas pesquisas ocorridas no cenário global; as quais evidenciam que o contexto pandêmico visibilizou e amplificou questões sobre o sofrimento mental já existentes causados pelos processos em que se constitui o trabalho e, em específico, a categoria docente universitária antes e durante a pandemia; algo especialmente sentido por mulheres, historicamente atreladas à realidade machista e misógina que nos estrutura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: o ensino superior sob miradas de gênero.

O campo investigado com vistas a compreender as tantas faces da docência e do sofrimento mental que em si esta traz, tais quais os estudos de Tostes *et al* (2018), constatou existir uma prevalência do sofrimento mental no sexo feminino em comparação ao sexo masculino; algo que muito se dá em razão do acúmulo descrito pela somatória exacerbada entre afazeres domésticos e trabalho docente.

Sendo o ambiente doméstico historicamente marcado como espaço feminino, (a despeito das tantas reconfigurações), às professoras universitárias recai o peso de lidar com um labor que, já se excessivo e adentrando ainda mais vorazmente o ambiente privado de seus lares quando do contexto de pandemia de covid-19, soma-se à casa e às demandas desta. Tais entrecruzamentos e implicações, vividamente sentidos pelas docentes mulheres, as fazem mais acometidas pelo sofrimento mental que seus pares homens professores (Tostes *et al*, 2018).

Macêdo (2020) também chama atenção para as consequências que interpelam a mulher trabalhadora que, impedida, compreende a aflição e o desgosto profundos da estrutura machista quando, nesses enredos, precisa renunciar ao realizar-se. São entrecruzamentos que, permeados por históricos conflitos, expressam o trabalho, a saúde mental e o gênero implicados no fazer da mulher docente universitária.

Talvez esses questionamentos estejam relacionados à desigualdade de gênero, quanto à divisão sexual do trabalho doméstico, que a mulher sente na pele mais prementemente nesse confinamento em que ela se encontra, no âmbito domiciliar, privado, sentindo-se impedida de protagonismo profissional no âmbito público, do trabalho, fazendo a vivenciar as agruras do ser mulher e mãe em detrimento daquilo que para ela é muito significativo e realizador: a vivência como trabalhadora (Macêdo, 2020, p. 197).



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

Cabe aqui destacar o levantamento analítico publicado em 2020, no *Inside Higher Education*, por Flaherty, voltado a compreender os distintos impactos da covid-19 no que tange à produção de pesquisadoras/docentes universitárias, em comparação aos seus pares homens.

Segundo o estudo, um dos efeitos mais visíveis dessa pandemia foi a diminuição do tempo de pesquisa das mulheres, evidenciado, por exemplo, pela expressiva queda no índice de submissão de pesquisas acadêmicas às revistas/jornais científicos nos Estados Unidos. Em contrapartida, em comparação ao ano anterior, 2020 apresentou um aumento de 25% do contingente de submissões para um dos jornais científicos especializados trazidos pelo estudo, aumento este impulsionado unicamente por homens. Conforme destaca o levantamento, a pandemia trouxe consigo o exacerbamento das injustiças e desigualdades de gênero, retirando das mulheres pesquisadoras o suporte que poderiam ter ao delegar algumas tarefas a profissionais outros, como o cuidado dos filhos.

De fato, sob sociedade sexista, e demarcadamente desigual quanto aos papéis que a cada gênero é imputado, essas vivências acabam por desencadear histórias de sofrimento e não realização de mulheres docentes universitárias; especialmente quando a maternidade está entalhada à pandemia; conforme demonstrou o campo.

A sobrecarga é elemento que compõe a rotina, instaura-se em seu trabalho e o impacta. Chega-se à exaustão. É papel assumido pela professora universitária mãe, que, sofrendo, concilia mundos estruturados sob machismo histórico, sob patriarcado que adoce e imputa às mulheres sofrimento mental.

Nesses processos, segundo Silva (2020), falamos da subjetividade da mulher que, sendo professora universitária e mãe, retroage sobre as formas de sociabilidade que historicamente se impuseram e que não raro, ainda que delas consciente, se vê tomada pela culpa e pela angústia; inclusive quando solicita ajuda nas tarefas do cuidar. Potencialmente nocivos, os tantos dilemas com os quais se deparam desencadeiam, conforme Tostes *et al* (2018) e Macêdo *et al* (2020), a prevalência de significativo sofrimento mental nas mulheres.

É tendo em vista esse contexto que Signorelli, Auad e Pereira (2013, não paginado) apontam a “falta de estratégias efetivas para combate às relações de gênero desiguais”. Falta esta que, sentida, adoce mentalmente, faz sofrer mulheres em todo o território nacional; impacta o fazer de docentes universitárias, acostumadas a terem de conciliar jornadas que as viola nas mais variadas instâncias. Trata-se, conforme relata Macêdo (2020, p. 189), de um trabalho

[...] marcado por dor, opressão e adoecimento, principalmente diante da naturalização da posição subalterna que a mulher ocupa na sociedade e na hierarquia da estrutura familiar tradicional, que a leva à exaustão diante dos cuidados requisitados por todos os membros da família.

Responder a exigências do labor e do lar. Ser responsável pelo professorar universitário, ao passo que administra as históricas exigências de cuidar da família, da casa, dos filhos, do companheiro e de si, é papel sôfrego rotineiro a muitas mulheres docentes universitárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, empreendemos uma discussão que, ao analisar as condições de trabalho que abrangem o ser docente, o faz chamando atenção para dois elementos específicos: o fato de atuarem no âmbito universitário (nas esferas pública de ensino) e de serem mulheres. Tal



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

aposta foi um exercício a assinalar as tantas faces do fazer docente e do ser mulher no cenário brasileiro, e em particular em Minas Gerais, de calamidade na saúde pública; relação a partir da qual se põem em vista a saúde mental dessas trabalhadoras.

Por meio do campo, apontamos para um quadro de sofrimento mental crescente da docente universitária, consoante às bibliografias consultadas e às tantas pesquisas ocorridas no cenário global; as quais evidenciam que o contexto pandêmico visibilizou e amplificou questões sobre o sofrimento mental já existentes causados pelos processos em que se constitui o trabalho e, em específico, a categoria docente universitária antes e durante a pandemia; algo especialmente sentido por mulheres, historicamente atreladas à realidade machista e misógina que nos estrutura.

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Claudia *et al.* Trabalho docente sob fogo cruzado. [recurso eletrônico]. v. II, 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021. Disponível em: http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2021/05/ebook_-_Trabalho-Docente-Sob-Fogo-Cruzado-2-final.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- BERENCHTEIN NETTO, N. Trabalho, universidade e suicídio: uma análise da precarização/intensificação do trabalho docente desde o materialismo histórico-dialético, **Advir** (ASDUERJ), v. 33, p. 67-85, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299534391_Trabalho_universidade_e_suicidio_uma_analise_da_precarizacaointensificacao_do_trabalho_docente_desde_o_materialismo_historico-dialetico. Acesso em: 05 jun. 2024.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELLI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1994.
- FLAHERTY, C. No Room of One's Own. **Inside Higher Education**, abril 21, 2020.
- MACÊDO, S. “Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos”, **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, 187-204, ago. 2020.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- PASCHOALINO, Jussara B. Q. **Matizes do mal-estar dos professores**: um estudo de caso de uma escola pública do ensino médio. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SANCHES, A. P. R.; Gama, R. P. “O mal-estar docente no contexto escolar: um olhar para as produções acadêmicas brasileiras”. **Laplage em Revista** (Sorocaba), v. 2, n. 3, set/dez, p. 149-162, 2016.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

SIGNORELLI, M. C. AUAD, D.; Pereira, P. P. G, “Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil”, **Cad. Saúde Pública**, v. 29 n. 6, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Eduardo Pinto e; RUZA, Fábio Machado. A malversação do reconhecimento no trabalho docente precarizado e intensificado. **Revista Trabalho (En) Cena**, Palmas, v. 3, n. 2, p. 3-16, 2018.

SILVA, A. F.; Estrela, F. M.; Lima, N. S.; Abreu, C. T. A. “Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia”, **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n 2, jul, 2020.

TOSTES, M.; Albuquerque, G. S. C.; Silva, M. J. S.; Perrerle, R. R. “Sofrimento mental de professores do ensino público”, **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan-mar. 2020.

YASUI, S.; Luzio, C. A.; Amarante, P. “Atenção psicossocial e atenção básica: a vida como ela é no território”, **Rev. Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 173-190, abr. 2020.